

Resenha: *Árvore da vida Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N.S^{ra} Dolorosa ao Pé da Cruz*

Obra póstuma dada à Estampa pelo Pe. Martinho Borges, da Companhia de Jesus, Procurador Geral da Província do Brasil. Lisboa Occidental: Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho, Impressor da Religião de Malta, 1734, p. 296.¹

A resenha proposta tem como finalidade entender como esta obra de Alexandre de Gusmão é apresentada não apenas numa perspectiva educativa dentro da cultura Católica mas também por via de um caminho teológico que se manifesta no feitio da base da Companhia de Jesus. A obra colonial do século XVII é uma produção original e pouco lida de Alexandre de Gusmão, publicada depois da sua morte, mas produzida na efervescência de sua vida. Por esse motivo, não temos intenção de retirar ou mascarar esta obra pontuando de forma prática o caminho que o autor percorreu sem deturpar suas ideias.

Datada de 1734, de início manifesta as preces de Alexandre de Gusmão quando se declara “indigníssimo escravo”: isso na parte sobre a Santíssima Virgem. Neste local, ele admite que escreve não apenas um livro, mas um “Tratado” cuja finalidade é “mais que a lembrança do muito, que Christo padeceu na Cruz, e os exemplos, que nella nos deu” (§ iii).

Na sequência, a obra apresenta a trajetória de Alexandre de Gusmão - esta parte é chamada *Prólogo aos que Lerem*. Nessa parte, informa os livros impressos após a morte do autor colonial no ano de 1734: *Árvore da Vida, Jesus Crucificado e O Corvo*, e a *Pomba da Arca de Noé no Sentido Allegórico, e Moral*.

Ainda no *Prólogo aos que Lerem*, mostra a aprovação de D. Luiz Alvares de Figueiredo, Arcebispo da Bahia Metropolitano de todo o estado Brasílico. Informa ainda que Alexandre de Gusmão nasceu em 14 de agosto de 1629 e foi batizado na Igreja de São Julião. Vindo para o Brasil, seus pais se fixaram no Rio de Janeiro, onde

¹ Todas as citações serão feitas com base na obra original de Alexandre de Gusmão. Até as paginações onde são indicadas por letras, como exemplo §§ ii, serão mantidas. Os títulos serão mantidos e redigidos conforme escrito na obra original não alterando em nada. As citações de parágrafos também serão redigidos conforme o português do período colonial ao qual se encontra na obra.

entrou para Companhia de Jesus ainda menino, na data de 27 de outubro de 1646. O progresso era tão rápido que ele foi promovido, várias vezes aos diversos cargos da Companhia de Jesus. Nesta parte do *Prólogo aos que Lerem*, pontua ainda, os cargos mais importantes que Alexandre de Gusmão conquistou na Companhia: Mestre de Noviços, Reitor do Colégio do Espírito Santo, Reitor do Seminário de Belém (do qual foi seu fundador), Reitor do Colégio da Bahia, por duas vezes Provincial de toda Província. Enumera também as principais obras, entre muitas, que Alexandre de Gusmão escreveu em vida: *Escola de Belém; Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron; Arte de Criar bem os filhos na idade da Puerícia; Predestinado, e Prescrito; Eleição entre o bem, e mal eterno; Meditações de todos os dias da semana* e informa que ainda confeccionou vários opúsculos de *Preces* e a obra *Devoções para exercício quotidiano dos alunos do Seminário de Bellem*. Finalizando esta parte ressalta Gusmão vem a falecer com 95 anos, em 14 de março de 1724, tendo exercido 78 anos de Companhia.

O *Proêmio* desta obra é tão importante quanto a produção inteira, pois aqui ele explica porque o título *Árvore da Vida, Jesus Crucificado* se torna próprio para esta obra. Entendendo que na imagem de Cristo, se vislumbra no exemplo do arcano misterioso das Árvores cujo simbolismo apresenta-se na cultura judaico-cristã. A *Árvore da Vida* do paraíso genesiano (Gn 2,9) representa o âmbito da vivência terreal e a *Árvore da Vida*, que foi vista por João no Apocalipse (Ap 22,2), na Nova Jerusalém, aquela que apresenta misteriosa virtude celestial.

Para o autor, a prática evangelística e catequética apresenta-se na figura do Cristo. No ministério do Cristo, para o autor colonial, manifestaram-se duas naturezas, uma Terrena e outra Celestial, é o simbolismo perfeito e arcano da *Árvore Sagrada* no âmbito da religião judaico-cristã. A *Árvore Terreal genesiana* é a chave para entender a vida temporal e a *Árvore Celestial apocalíptica* era a base para uma vida eterna. A *árvore Terreal genesiana* é a possibilidade de militância, dos verdadeiros termos educativos propagados pela Companhia de Jesus, e a *Árvore Celestial apocalíptica* é a forma triunfante cuja vida se comunica entre o homem e Cristo.

A cruz era o símbolo perfeito para pensarmos nesses dois simbolismos sagrados manifestados na figura das Árvores citadas: “Com muito mayor vantagem se experimenta tudo na verdadeira *Árvore da vida Jesus Crucificado*” (§§ ii). Não se

esquecendo que no Paraíso Terreal do livro de Gênesis havia outra árvore, a “da Ciência”, Alexandre de Gusmão informa que o sacrifício da cruz atende no homem uma necessidade: levá-lo à ciência do bem e do mal e lembrar-lhe que, em Cristo, não recebemos apenas a vida, mas também esta particularidade.

A Obra contém, logo depois do *Proêmio*, as *Licenças da Religiam*. Um ponto que, para a época é importante, e que aí aparece, eram as aprovações concedidas pelos avaliadores que representavam Roma. Há uma lista de licenças dos leitores aprovados pela Igreja, são eles: Joseph de Almeida que chefiou a comissão da Companhia de Jesus na análise desta obra; além disso, ele era Vice-Provincial do Brasil, no ano de 1718, e acumulou o cargo de Visitador Geral. Seguindo as normas do Santo Ofício, Joseph de Almeida, convidou para leitura e análise os seguintes nomes: P. Mestre Fr. Manoel de Sá, qualificador do Santo Ofício dando parecer em 21 de abril de 1733; P. Mestre Fr. Thomás de S. Joseph, qualificador do Santo Ofício e datando seu parecer em 10 de Maio de 1733; Fr. R. Alancastre C. S. Cabelo Soares, supervisor literário do Santo Ofício; P. Doutor Antônio do Sacramento, da ordem dos Pregadores; P. Pereira Rego e um que apenas assinou com Gouvea.

A obra, no seu original, apresenta-se com 296 páginas e é separada em cinco partes. Essa obra tem como plano do discurso de Alexandre de Gusmão a imagem de Jesus e o que o homem pode tirar dessa figura teológica. Trabalhando sempre com analogias e metáforas, esse texto é uma obra carregada de significados e formas práticas para perspectivar qualquer viés e imagem simbólica que se pode perceber no ato da Crucificação.

Parte I- Da Raiz, e Tronco da Árvore da vida

Alexandre de Gusmão inicia sua preocupação com a localidade do advento da cruz. Mostrando que a terra do crucificado era o mesmo local onde “Abrahão primeiro consagrou, quando por mando de DEOS subio a ele para sacrificar seu filho Isaac” (p. 2/Gn. 22). Apesar de Abraão ter chamado aquele lugar de *Domunus videt*, o autor colonial não esquece que foi Jerônimo o primeiro a justificar aquele local, que se chama caveira: “porque era lugar de supplicio, em que morrião os malfeitores, estava cheio de caveiras” (p. 2). Porém a obra segue, conforme o discurso da tradição judaico-cristã, naquele monte onde se castigavam malfeitores. Jacó viu a escada e descreveu: “*Quam terribilis est, inquit, locus iste!*” (Gn. 28. 17). Alexandre de

Gusmão, embasado numa boa teologia do século XVII, tenta mostrar nesta *Parte I* que os títulos gloriosos de Cristo, enquanto *Árvore da Vida*, cumprem-se no suplício da Cruz.

Lembrando de Paulo (Fp 2,11), Alexandre de Gusmão se justifica com a frase “*Omnis lingua confiteatur, quia Dominus JESUS Christus in gloria est Dei Patris*” (p.11). Pensando em Isaías, seguindo aos clássicos filósofos da Alta Idade Média, ele não esquece da Cruz como simbolismo máximo da vida. Falando de Davi (Sal 97.10-12), ele mostra que todas as árvores cujos troncos enaltecerão a Deus, chega ao filósofo Agostinho, da alta Idade Média, que explana: “com a morte de Cruz mereceu o título e Rey” (p.12). Discorrendo sobre as figuras que apresentarão a divindade de Cristo, e com isso, descrevendo como a figura da *Árvore* está ligada a Jesus por meio do madeiro (*signa Thau*), percebe, esse autor colonial, que é “próprio symbolo da *Árvore da Vida JESUS crucificado*” (p. 17-18). E conclui: “Os Judeos crucificaraõ a Christo entre dous ladrões, para infamarem de culpa; e essa mesma Cruz como final *THAU* clama sua inocência” (p. 10).

Parte II- Dos Ramos da *Árvore da Vida*

Nessa parte, o autor propõe que a *Árvore da Vida Jesus crucificado* pode ser vista tanto num plano divino (natureza divina) como humano (natureza humana). E afirma que Cristo padecido está sempre pronto a perdoar: “*et folia ejus ad sanitatem gentium*” (Apoc. 22.2). Não esquece Alexandre de Gusmão que, na cultura judaica, era comum dar o melhor vinho aos condenados à morte; enquanto aos dois ladrões deram vinho puro, ao inocente Cristo lhe deram a beber *fel*. Percorrendo o simbolismo que o vinho tem na cultura judaica, o autor lembra o Deuteronomio (32.32-33): para aqueles que não guardam a lei, o vinho deveria ser a porção dos de Sodoma e Gomorra, convertendo-se em fel de Dragões². Mais à frente, ele justifica que, assim como Cristo recebeu vinho com fel, a nós é dado: “todos os trabalhos, e moléstias desta vida são copos, com que Deus nos Brinda, e nem todos podem ser vinho puro, também nem misturados com fel” (p.65-66). E assim como Cristo apenas provou o cálice de vinho com fel, nós, segundo o autor colonial, devemos seguir esse exemplo: “porque na Sagrada Escritura he symbolo de amor de Deos, assim como

² O termo serpente que aparece no Deut. 32.32 é em hebraico *nachash* que pode significar Dragão ou cobra, mas também sussurro, brilho, agouro, prognóstico, adivinhar.

pele fel se significa rancor” (p. 66). Entre vários simbolismos, entendemos que esses enumerados apresentam a espinha dorsal desta *Parte II*.

Parte III- Das folhas da Árvore da Vida

Nessa parte, informa que as folhas não servem apenas para ornamento da árvore mas também para a conservação dos ramos e, por essa mesma virtude, eles também dão vida ao tronco e aos ramos que se comunicam com as folhas. Trabalhando de forma etimológica, Alexandre de Gusmão constrói um discurso para justificar o nome de Jesus no Cristo. Lembrando de Pilatos, ele informa que a intenção daquele que mandou crucificar a Cristo foi intencionalizada quando mandou escrever “aquelle Nome com letras Hebraicas, Gregas, e Latinas” (p. 128) e argumenta: *Omnis lingua confiteatur*. Referindo-se que todos irão confessar seu nome, ou “aquelle JESUS, que para nos salvar esteve morto em huma Cruz” (p. 128-129). Passando a analisar o nome de Cristo, ele não esquece dos títulos que ele ganhou com o passar das décadas. Percorrendo desde Deuteronômio, Provérbios, Salmos, Cantares, Jeremias, Isaías, Zacarias, Daniel e tantos quantos pôde, Alexandre de Gusmão apresenta a forma prática da teologia católica de Roma da Companhia de Jesus de maneira precisa. Pontuando um dos principais credos sacramentais, lembra que “Sendo o Sacramento do altar o mesmo sacrifício da Cruz, se segue que também na Cruz se pôde chamar Christo pão dos escolhidos” (p.144) e entende ainda este autor: “*Ero mors tua, ò mors*”, isto é, o Cristo vitorioso vencendo “com sua morte a morte ressuscitando glorioso” (p.145).

Parte IV- Das flores da Árvore da Vida

O autor justifica essa alegoria pautando-se, inicialmente, em Santo Ambrósio que afirmava “leito de flores he a Árvore da Vida JESUS crucificado, porque no áspero dos espinhos, e horror do lenho, em que está pregado, recendem as flores de celestiaes virtudes” (p. 169), entendendo que as flores do madeiro são também frutos. Que a Fé é a primeira flor da Árvore da Vida cujo fruto se manifesta.

Passando por Santo Tomás, Alexandre de Gusmão acredita que todos os teólogos devem perceber em Cristo *habitat e ato de piedade* afetiva que se aproxima da fé para perceber com qual razão e como a razão dos filósofos se torna eficaz quando crê nele. E assim enumera essas flores potencializadas na prática cotidiana

e catequética, são elas: a Esperança (p. 173), a Caridade (p. 177), a Religião (p. 184), a Humildade (p. 192), a Obediência (p. 196), a Paciência (p. 200), a Mansidão (p. 204), o Amor fraternal (209), a Pobreza (p. 124), a Misericórdia (p. 219) e a Fortaleza (p.226). Finalizando com 12 formas de reza que mostram quem é o que padece e por quem (p.231), informa que só colhemos essas flores/frutos se “tomar lição todos os dias, horas, e momentos, contemplando, o que na Cruz padeceu, procurando com todas suas forças conformar sua vida com a de Cristo” (p. 233).

A forma como se guarda, como se colhem as flores da *Árvore da Vida* é a mesma que, guardam as abelhas com as flores do campo. Assim, o cristão deve, como as abelhas que sugam o néctar das flores, sugar de Cristo seu sangue por via da oração, meditação e piedade. Com isso, respalda Alexandre de Gusmão: “Deste Divino Mestre, e neste livro aberto de Cristo crucificado tomava lição todos os dias, horas, e momentos, contemplando, o que na Cruz padeceu, procurando com todas suas forças conformar sua vida com a de Cristo” (p. 233).

Alexandre de Gusmão entende que a Cruz é símbolo para nos alertar das obras do Senhor. As chagas da Cruz convertem-se em martirizadas flores, e é convite para possibilidade de salvação. O discurso teológico de Alexandre de Gusmão, nessa obra, sempre revigora os adventos do nascimento, morte e ascensão de Cristo e a crucificação é tomada como projeto máximo que banha os pecadores com seu sangue, e como ritual de água celestial, os purifica.

Parte V- Dos Frutos da *Árvore da Vida*

Nessa parte, dedica-se a apresentar, em doze capítulos, o tema da qualidade dos frutos, isto é, das obras.

*Capítulo I - Do primeiro fruto da *Árvore da Vida* Jesus crucificado, que He a Predestinação*

O autor atesta que de Jesus vem o todo que toca a salvação, a partir do conceito de predestinação pautado em Agostinho - “*Predestinatio est prescientia, e preparatio gratiarum, quibus ceretissimè salvantur quicumque salvantur*” (p. 238). Para ele, graças à predestinação, o efeito da obra de Deus depende de nossa cooperação. Assim como Pedro que recebeu infinitas graças, mas só foi possível porque ele entendeu o mistério da *Árvore da Vida*.

Recorrendo a Tertuliano, o autor colonial afirma que devemos atender à vontade de Deus para aperfeiçoamento da obra dele: “o nosso ponto He mostrar como este beneficio de predestinação He fruto da Árvore da Vida Jesus crucificado” (p. 239). Aqui ele cita, como exemplos, mulheres que observaram a imagem do Cristo crucificado e conseguiram alcançar a graça, são elas: Santa Clara, Santa Brígida e Santa Gertrudes. Essa compreensão revela-se no relato que afirma que, quando o autor colonial escrevia essa obra, um capitão por nome de Martinho Monteiro que estava na Bahia de todos os Santos, aqui no Brasil do século XVII, depois de confessado e comungado, ao ir a sua casa, foi encontrado morto com a imagem de Cristo crucificado na mão. Diz Alexandre de Gusmão que esta alma foi encomendada a Deus e sua prática justificou a sua salvação, como predestinado.

Capítulo II - Do segundo fruto da Árvore da Vida, que He a graça santificante.

O autor entende que, assim como o corpo sem alma está morto, a alma sem a graça está condenada à perdição eterna. Para ele, a morte dos Santos não são mortes e sim um sono do qual eles serão despertados. Os pecadores que morrem esses sim perecerão. A graça, como fruto, dá vida sobrenatural a nossas almas e merecimento as obras, sendo chamado por ele como Dionísio filósofo de *Nativitatem divinam*.

Capítulo III - Do terceiro fructo da Árvore da vida, que He a Gloria.

Alexandre de Gusmão afirma que a bem aventurança é glória que leva o indivíduo a aproximar-se da graça: “O mesmo Christo Senhor nosso disse, que como bom Pastor dava vida eterna às suas ovelhas” (p. 245). Voltando à Torá, recupera o elemento do pecado do povo de Israel no deserto, mostrando que Deus os castigou com serpentes de fogo. Para mediar e remediar os feridos, o Senhor ordena que Moisés levante um madeiro com símbolo de serpente de metal, para que todos que olhassem para ela vivessem. Assim, para o autor colonial Cristo é o símbolo no qual os homens deveriam colocar os olhos e acreditar na salvação e graça, só assim alcançam a glória: “tiveram os povos de Deos aquella Serpente em tanta veneração, que a conservarão até o tempo de Al-Rey Ezequias” (p. 246). Ainda continua: “é certo, como dizem os expositores, que a virtude de dar a vida temporal não estava na serpente, senão em Deos, que naquella figura quis representar o Mysterio da Cruz” (p. 246). Para ele,

Cristo por dar a Glória deu tudo que tinha aos homens e com isso os homens podem se edificar diante do sangue do cordeiro.

Capítulo IV - Do Benefício da Redenção, é tratado como benefício aos homens.

Esse capítulo apresenta o tema da redenção como benefício aos homens. Ela é ferramenta de Deus, ao qual não tem inclinação ao mal e é bem necessário para o homem alcançar a felicidade e o estado de inocência. Recorrendo ao exemplo de Adão, mostra que o primeiro pecador só alcançou salvação após comungar com a redenção de Deus, e apresentando “Christo nosso redentor, e aquelle bastão milagrozo foy figura da Cruz” (p. 251), como Aquele que redimiu, não apenas Adão, mas todos os homens.

Capítulo V - Da Conversão do Mundo.

Nesse ponto, alude que Cristo irá salvar e conquistar o mundo, não com ferro mas com a virtude da Cruz e força da palavra. E para isso, escolheu 12 apóstolos, lembrando sempre que o número 12 é um símbolo poderoso nas Escrituras, como 12 tribos, 12 filhos de Jacó, 12 pedras do racional de Arão, 12 pedras fundamentais e 12 portas da Nova Jerusalém. Pautado em S. João Crisóstomo, lembra que “se conhece a virtude da Cruz, que não sendo a pregação dos apóstolos outra, mais que prega a Christo crucificado, conquistassem hum Reino mayor, que todos os Reinos do Mundo” (p. 256). Para o autor colonial, S. Crisóstomo apresenta as razões dos benefícios da conversão, são eles: (I) os apóstolos sem letras e pecadores por via da mensagem da conversão sujeitarão o mundo a Cruz de Cristo; (II) sendo o pecado, inferno, Reis, Príncipes, Filósofos, Gregos, Bárbaros e antigas seitas inimigo de Cristo, serão vencidos com a pregação; (III) vencerão com a mensagem da conversão os Tiranos e tudo que é contrário à natureza de Cristo; (IV) Espalharão em breve tempo a mensagem da Cruz e a glória de Deus.

Capítulo VI - Como a Igreja Catholica He Frutto da Árvore da vida Jesus Crucificado.

Nessa parte, Alexandre de Gusmão propõe uma pergunta: “A Igreja Católica, quem póde duvidar ser frutto desta Árvore da Vida, tendo della o nascimento?” (p. 259). Essa pergunta nasce em decorrência do tema da apologia de justificação do ministério da Igreja.

Capítulo VII - Como os Sacramentos são Fruttos da Árvore da Vida,

O autor entende que é na água do Sacramento do Batismo e no Sangue do Sacramento da Eucaristia que o homem pode entender o mistério da Árvore da Vida: Jesus Crucificado. O Sacramento do Batismo é o símbolo que carrega o advento da água que sai do lado de Cristo no momento que é ferido pelo centurião na crucificação (p. 263), e o Sangue do Sacramento, é o que saiu junto com a água no golpe do centurião, quando escorreu no madeiro (p. 264) possibilitando os homens perceberem estes dois mistérios.

Capítulo VIII - Do mais excellente frutto da Árvore da vida, que He a Eucaristia.

Trata do tema da participação do homem na salvação, através do corpo de Cristo sofrido como sacrifício de redenção, aproximando o Cristo ao cordeiro pascal, tão próprio das celebrações judaicas. Os mistérios do Cristo, para esse autor, só podem ser percebidos se o homem estiver preparado para esse ritual eucarístico - *Ecce Agnus Dei*. Os frutos específicos da Eucaristia são: o amor e o temor.

Capítulo IX - Do benefício da vocação à Fé Catholica,

Para Gusmão, a vocação manifesta-se quando Paulo pede aos cristãos que preguem aos gentios a fé (p. 271). Pensando na vocação da fé, como dom gratuito de Deus, o autor entende que todos devem pregar o Cristo crucificado. Falando sobre exemplos de salvação e conversão pela fé, cita a vida de Santo Eustáquio, de Neenias, Diocleciano e do centurião Cornélio, alegando que essa relação de fé só se deu por causa da consideração do amor impregnado na mensagem da Cruz (p. 275).

Capítulo X - Do décimo frutto da Árvore da Vida, remissão dos pecados,

Trata dos benefícios da remissão dos pecados iniciado por Adão e redimido por Cristo: “a morte de Cruz, que principalmante foy para remissão do peccado de Adam, por virtude da mesma Cruz se estendeu a peccadores de todo mundo, passados, e futuros, e este He hum dos principaes fruttos desta Árvore da vida, JESUS crucificado” (p. 278).

Capítulo XI - Como o beneficio da ressurreição, He frutto da Árvore da vida

Trata do tema da ressurreição, como aquela que nos possibilitará uma vida muito maior que a terrena, ao lado do Salvador. Baseando-se nos Evangelhos, e com boa teologia colonial, Alexandre de Gusmão afirma que “com sua morte matou a morte, que vivia, e ressuscitou a vida, que estava morta” (p. 283).

Capítulo XII - Do ultimo frutto da Árvore da vida, que He darnos sua Santissima Mãy por Mãy nossa.

Nessa parte, o autor sugere que se Adão não encontrasse o pecado, não poderíamos ter contato com o divino verbo, e em consequência, com o ministério de Maria. Chamada pelo título de “Senhora Sublime”, Alexandre de Gusmão afirma que de Mãe solitária ao conceber Jesus, torna-se Mãe de todos os homens. Lembrando da profecia de Simeão, destaca que o criador deveria atravessar a alma de Maria por via do ministério da natividade. A palavra “*Ecce meter tua, ecce filius tuus*” (p. 286), representa a espada penetrante de sua alma. A dor da natividade e a dor de ver o filho padecer, são mistérios que apenas Maria podia conceber e, por isso, deve-se tomá-la como exemplo perfeito deste ministério. Dessa proposição, apresenta duas conclusões. Na primeira conclusão, afirma que “seu ministério é perfeito porque sempre esteve à sombra de Jesus Crucificado, conforme escreve São João assistindo Maria ao pé da cruz” e, na segunda conclusão, trata da continuidade da cena bíblica, ao salientar o recebimento de João como filho a pedido de Cristo.

Segundo o autor, receber a João como filho foi o sinal, para que todos os homens percebessem que ela estava preparada para ser Mãe de todos. Para o autor, quanto maior e mais bondosas as obras dos homens, mais próximos estarão da *Árvore da Vida*. Assim como João viu no Paraíso a *Árvore da Vida* com seus frutos, a *Árvore da Vida* nas terras dos homens também se manifestou com 12 frutos - fazendo a mesma alusão da Parte IV - Das flores da *Árvore da Vida*. Portanto, é necessário acreditar nos benefícios desta *Árvore* tanto na terra como nos céus. Tal qual apresentado no Capítulo IV, aqui também enumera esses doze frutos que são saúde para alma, são ele: Predestinação, Graça santificante, Glória, benefício da Redenção, Conversão do Mundo, Igreja Católica, Sacramentos da Igreja, Sagrada Escrituras, Vocação da Fé Católica, Remissão dos Pecados, Ressurreição, e o último que “*foy darnos por May nossa Sua Santissima Mãy*” (p. 238).

Alexandre de Gusmão conclui informando que o mistério de Cristo se revela na façanha de entendermos de forma mística e poética o simbolismo da Árvore Terreal e Celestial concluindo “chamão os Theologos efeito de predestinação à vocação, justificação e glorificação, e, por conseguinte a glória da bem-aventurança eterna” (p. 290).

Referências

GUSMÃO, Alexandre de. *Árvore da vida Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S^{ra} Dolorosa ao Pé da Cruz*. Obra Postuma dada à Estampa pelo P. Martinho Borges, da Companhia de Jesus, Procurador Geral da Província do Brasil. Lisboa Occidental: Na Officina de Bernardo da Costa Carvalho, Impressor da Religião de Malta, 1734.

Fábio Falcão Oliveira

Doutor em História da Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso/Cáceres. Pesquisador de Educação Colonial dedica-se a investigar a Teologia e a *Práxis* da pedagogia de Alexandre de Gusmão.